PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM FONOAUDIOLOGIA

LINHA DE PESQUISA LINGUAGEM E SUBJETIVIDADE

Transcrição enquanto método

FREIRE, Regina Maria Ayres de Camargo[1]

Mesa Redonda: A Transcrição na Clínica Fonoaudiológica. 8º Congresso Internacional da ISAPL, Porto Alegre-RS, 2007.

FREIRE, Regina Maria Ayres de Camargo; POLLONIO, Cláudia Fernanda; SILVA, Gisele Gouvêa; CASTELLANO, Giuliana Bonucci.

Resumo

Este trabalho, sustentado por dados discursivos de um sujeito afásico, tem por objetivo apresentar os usos da transcrição na identificação e análise de sintomas na linguagem, e defender sua adoção como inalienável ao método clínico fonoaudiológico.

A transcrição de um corpus, procedimento familiar a vários campos de saber cujo interesse esteja na fala de sujeito(s), atrela-se à coleta de dados discursivos, extraídos de diferentes contextos interacionais, e a sua posterior escrita.

Os sintomas de linguagem serão compreendidos a partir de sua posição em uma estrutura multiestratificada, composta por pelo menos três elementos operatórios: as cadeias das sintaxes e dos sentidos, do Outro e do sujeito.

No caso apresentado, Sr. N., em um processo de rememoração da sua fala, disse que a "perdera" após um acidente vascular cerebral; em outros termos, relatou sobre o rompimento com a função e o campo da fala, como um "buraco" em sua condição de falante e ouvinte. Essa nova condição operante na grade discursiva

---

[1] Fonoaudióloga, professora titular da Faculdade de Fonoaudiologia da PUC-SP e do PEPG em Fonoaudiologia

produziu uma outra ordem de funcionamento e instaurou outras posições corporais, discursivas e subjetivas ao Sr. N.

Em um momento inicial, a primeira marca sintomática que emergiu na grade prendeu-se ao estrato da estrutura da escrita, colocando em cena um silenciamento perturbador, conhecido tradicionalmente como mutismo. Tal efeito o alienava ao Outro, afetava o seu reconhecimento enquanto sujeito/falante pela cadeia articulada em seus eixos internos – metafórico e metonímico. Sr. N., de falante, passou a ser falado pelo Outro. Parece que a recaptura ou novas organizações da linguagem impunham, nesse tempo, um espaço marcado pelo silêncio.

No segundo tempo, o da imersão das cadeias discursivas na aposta do sujeito-falante, restos de fala emergiam na teia significante a partir de novos nexos lingüísticos. Este acontecimento abria a possibilidade de Sr. N. recriar a estrutura da teia e poder lançar-se a outros modos de ser na linguagem. No entanto, seus fragmentos da fala marcavam outros sintomas na linguagem ancorados na lógica do traço e da língua. Isto quer dizer que a insistência da cadeia discursiva sobre o Sr.N. gravita em torno das "operações do sujeito em sua dependência significante ao lugar do Outro" (Lacan, 1998[1964], p.196).

A discussão encaminhada pela análise de segmentos de sessões de terapia de um sujeito afásico servirá de base para identificar como o acesso à transcrição inscreve um modo de escuta peculiar, muitas vezes não discernível no instante clínico. Eis, portanto, a necessidade de o clínico assumir a posição de investigador.

Texto apresentado na Mesa Redonda

Embora o termo **transcrição** compareça, em textos de diferentes campos de saber, como o resultado do ato de dar visibilidade à fala ou à língua pela escrita, iremos tomá-lo em sua opacidade para, a seguir, questionar seu estatuto na clínica fonoaudiológica.

Pretende-se apresentar os usos da transcrição na clínica fonoaudiológica, como técnica inerente ao processo diagnóstico ou seja, na identificação e análise

de sintomas na linguagem, e defender sua adoção na terapêutica, como parte inalienável do método clínico fonoaudiológico.

O ato de transcrever é encontrado no Dicionário Aurélio, como "*reproduzir, copiando; copiar textualmente; trasladar*". Já o termo **transcrição** – *ato ou efeito de transcrever* – pode significar "*trecho transcrito*" ou, mais particularmente, "*expressão gráfica dos sons duma língua*" dai decorrendo, para os estudos lingüísticos, o termo **transcrição fonética**, "*em que as realidades da língua oral são visualmente fixadas por símbolos, correspondendo cada símbolo, rigorosamente, a um fonema*". Portanto, trata-se de uma "*técnica do uso da linguagem como comunicação escrita, ou por meio de ideogramas, ou por meio de letras, diacríticos e sinais de pontuação, que constituem a grafia fônica do português e das demais línguas ocidentais*".

Definida então como técnica a serviço da escrita de uma língua, irei acessar, inicialmente, a transcrição, nos estudos sobre a aquisição de linguagem, dado ter sido a influência desse campo sobre a fonoaudiologia o que a levou a integrá-la aos seus procedimentos clínicos.

Irei deter-me, em particular, sobre o texto de OCHS (1979) – "*Transcription as theory*" - cujo propósito é fundamentar, teoricamente, a estrutura e a forma desta técnica, e propor a sua sistematização, a partir da afirmação de que as transcrições são os dados do pesquisador em aquisição de linguagem. Para tal, a autora retoma o sistema notacional desenvolvido por vários autores do campo[2], como fonte de reflexão para o desenvolvimento de sua própria proposta, enfatizando a urgência de certa padronização da transcrição.

Do ponto de vista prático, OCHS pretende desenvolver um conjunto de notações para representar a fala de crianças pequenas que sejam apropriadas para propósitos gerais; à este tipo chama de transcrição básica. Ou seja, a autora encoraja o uso de uma forma de transcrição que não contenha informação demais nem de menos, mas que também não seja ao acaso. Afirma que o pesquisador deve operar sob o lema da seletividade, ou seja, que a transcrição deve refletir os

---

[2] A autora cita os trabalhos de Bloom, Lightbown e Hood (manuscrito inédito), Reilly, Zukow e Greenfield (manuscrito inédito), Keenan e Scheffelin (1976), Girton (comunicação Pessoal), Scollon(1976)e Sacks,Schegloff e Jefferson (1974).

interesses particulares do pesquisador. Defende que as falas infantis não sejam representadas foneticamente a não ser que o som seja o foco do pesquisador. Caso contrário a representação deve ser ortográfica modificada ou seja, aquela que captura mais o que foi dito que a escrita. No português seria a adoção de formas como: cadê, fazê, brincá, tá, qué, e outras semelhantes.

Começa por salientar a disposição dos dados na folha de papel, e a extensa argumentação que desenvolve até apresentar sua proposta de separar em colunas paralelas, o comportamento não verbal e o comportamento verbal, e as falas do adulto e da criança, nessa ordem, é assentada em uma suposta interferência da disposição espacial do dado sobre interpretação a ser feita pelo investigador. Por exemplo, acredita que se a fala do adulto estiver colocada na coluna da esquerda, e a da criança na coluna da direita, o investigador estaria atribuindo ao adulto, a dominância e o controle do que ocorre na interação. Ou seja, ao optar por uma dada forma e preterir outra, atribui ao dado a responsabilidade da interpretação que será feita pelo investigador. Nesse sentido, sai de foco o investigador e a teoria e entra em cena o dado, como se estes não fossem indissociáveis. Até o uso tradicional de parênteses para marcar o que é da ordem do não verbal é criticado sob a crença de que seria tomado como de valor secundário. Dado que a autora é comportamentalista, seus argumentos são subsumidos pela postura teórica adotada.

Ao priorizar a importância dos comportamentos não verbais – direção do olhar, apontar, tocar, gestos, etc. – para o entendimento dos comportamentos verbais, salienta o pressuposto de que esses gestos mostram a relação entre código e realidade. Trabalha com a noção de determinação e transparência da fala da criança ou seja, de que o que é dito manifesta um saber sobre a língua. Desta forma, deixa a interação em segundo plano e a grade dialógica não se apresenta como o lugar de movimentação de significantes.

A seguir, apresenta um quadro de notações que pode ser visto na tela que apresento aos senhores. Este conjunto merece certo destaque, na medida em que cumpre seu papel de formalizar a técnica da transcrição, padronizar um conjunto de notações, facilitar a leitura dos dados e familiarizar o investigador com a transcrição, permitindo a posterior análise dos dados. O quadro é formalizado a

partir de 3 tipos de informação: **o que** ver, **como** representar e **porque** fazê-lo de uma dada forma.

Finaliza o texto discutindo o que seriam enunciados e unidades verbais, o que é turno e o que é competência gramatical da criança, o que mostra sua adesão aos pressupostos chomskyanos. Temos assim uma explicitação detalhada da técnica que, aqui, será retomada a serviço do pesquisador, em particular, o fonoaudiólogo.

Neste campo, embora a transcrição possibilite a observação e, consequentemente, a análise de dados discursivos ao materializar o funcionamento da fala do sujeito em seus dizeres, seu alçamento técnico é incipiente, decorrente de uma escolha pessoal do pesquisador e não de uma exigência teórica. Ainda, apesar da visibilidade que a produção de conhecimento no campo clínico ganha quando a transcrição é alçada ao estatuto de método, ainda não se observa uma argumentação consistente que reconheça a sua adoção como condição *sine qua non*.

A opção por um dado método de coleta de dados pode interferir na análise, conseqüentemente, a transcrição da fala em escrita por meio de ocorrências e sinais pré-estabelecidos, formaliza as marcas e permite o acesso à leitura dos dizeres que circulam na materialidade de fala, sem interferir na escolha teórica do pesquisador. Cabe à este, debruçar-se na posição de investigador dos dados de linguagem e encontrar, no método escolhido para análise, a possibilidade de capturar a singularidade do funcionamento de linguagem do sujeito.

A consulta bibliográfica à trabalhos que tematizam a transcrição, permite observar que esta pode ser acessada de várias formas e para vários propósitos, e que, dependendo destes, seu estatuto será de técnica ou método.

Nos casos em que a transcrição é acessada como um procedimento ou conjunto de procedimentos que implicam conhecimento das operações e manejo das ferramentas a serem utilizadas com o objetivo de obter um determinado resultado, o estatuto é prioritariamente de técnica. Este estatuto independe da posição teórica adotada, fazendo surgir na leitura dos dados coletados o enfrentamento da fala do paciente, sendo deste enfrentamento que a análise do material pode ser realizada de forma a direcionar o processo terapêutico.

Quando a utilização da transcrição de dados torna-se essencial para que se analise dados de linguagem, instaura-se um momento inaugural que possibilita pensar a transcrição enquanto metodologia, pois, nessa perspectiva, dá-se a possibilidade não só de capturar a materialidade da fala, como de escolher um suporte teórico como alicerce para analisar, avaliar e transformar os dizeres do sujeito com sintomas na linguagem.

A transcrição obtém o estatuto de método, ou seja, do que permite entender o funcionamento da linguagem, quando é responsável pelo raciocínio que está por trás da técnica, cujo uso tem como propósito processar conhecimento. O levantamento bibliográfico sobre os usos da transcrição mostra que se trata de uma técnica poderosa no entendimento não apenas do funcionamento da linguagem do sujeito como também da posição que o fonoaudiólogo ocupa na interlocução, promovendo efeitos na fala do sujeito e vice-versa – ressaltando a importância do olhar para a dialogia como dado a ser levado em consideração na análise, pois nesta circulam dizeres que geram efeitos na fala do par terapêutico.

O acompanhamento do processo terapêutico fonoaudiológico por meio da análise da materialidade discursiva permite apreender sintomas na fala do sujeito em qualquer momento do processo longitudinal, modificando, por exemplo, uma imagem estereotipada que possa ter sido criada em uma terapia anterior. Obtém-se, desta maneira, elementos para a interpretação e reinterpretação de estratégias discursivas anteriores, acerca do entendimento do funcionamento e estrutura da fala sintomática do sujeito perante o interlocutor e a língua, reelaborando condutas terapêuticas.

O uso da gravação e transcrição possibilitam analisar dizeres que escaparam à escuta do fonoaudiólogo, por ocorrer em situação dialógica onde a linguagem de um é afetada pela linguagem do outro, ou seja, se há imprevisibilidade na circulação dos dizeres entre o par terapêutico, a posição discursiva do fonoaudiólogo “in praesentia” na interpretação dos dizeres do sujeito, durante ou após a cena clínica, também devem ser consideradas.

Os dizeres que circulam na dialogia entre paciente e terapeuta, podem ser quaisquer – isto exclui a fantasia de que gravar e transcrever dados da fala

aprisionam o dizer do paciente a um eterno já dito -, mesmo porque a fala nunca será passível de previsibilidade, pois cada sessão terapêutica é um momento único em que o texto terapêutico irá sofrer mudanças e onde se espera o deslocamento lingüístico-discursivo do paciente como efeito terapêutico.

Ao pesquisar crianças diagnosticadas como psicóticas, Oliveira (2001) lança mão da gravação e transcrição de dados da fala para investigar a fala de duas crianças psicóticas que tinham como característica comum falas rígidas, repetitivas, estereotipadas e sem movimento, denominadas “ecolálicas”. Segundo a autora, foi na escuta incansável e repetitiva das gravações que pode capturar entonações e curvas melódicas na fala dos pacientes que comunicavam algo que escapava, a sua escuta, no momento da terapia.

Saliente-se que a transcrição foi alçada para vislumbrar o que é da fala do próprio sujeito e o que é da fala do Outro possibilitando a escuta que comete “deslizes” deixando à descoberto a idéia estereotipada de uma fala seja fruto da cópia fiel da fala do outro. Existiu também a contribuição do ato de ouvir a gravação de dados e de transcrevê-la com critérios que não deixaram de lado a transposição de características da fala como entonação, curva melódica, qualidade vocal, dentre outras que foram de suma importância ao processo de interpretação realizado. A autora (op. cit.), ao analisar o texto terapêutico transcrito acaba por encontrar cifras que são justamente o lugar que o terapeuta pode abrir sua escuta para o que de particular acontece na fala do sujeito.

Nesta mesa, iremos defender a posição de que a transcrição seja tomada como procedimento interno ao método clínico fonoaudiológico. Este procedimento permitirá dar materialidade aos dizeres do sujeito com sintomas na linguagem e abrir um acesso ao funcionamento de sua linguagem de forma a contrapor a sua singularidade ao que é da ordem da estrutura. Estrutura será entendida aqui como uma proposta de que os elementos que a compõem devam ser da mesma ordem e obedecer aos mesmos princípios. Singularidade será entendida como a emergência do imprevisível que afeta a ordem da estrutura à qual encontra-se submetida.

Portanto, a transcrição de dados de linguagem permite que o registro clínico afaste-se do estatuto de técnica investigativa descritiva e passe a integrar o suporte teórico que coloca o fonoaudiólogo no entendimento do funcionamento da fala do sujeito. No diagnóstico, a transcrição é o primeiro passo para a análise do funcionamento da linguagem e do posicionamento do sujeito diante de sua fala, da fala do outro e da língua. O sintoma será definido pela queixa que o sujeito traz ao fonoaudiólogo e será capturado na repetição, no retorno dos significantes, que indicam a presença de um sujeito, em sofrimento, na ordem da linguagem.

Nesta perspectiva, entende-se que o uso da transcrição de dados gravados é essencial para o exercício da escuta na cena clínica, quando o fonoaudiólogo encontra-se sob os efeitos da fala do outro mas, também, fora da cena clínica ou seja, quando menos afetado pelo dizer do outro em face aos achados que, com a transcrição ganham materialidade. Sob este angulo, a transcrição pode alcançar o estatuto de método.

Com esse objetivo, Kokanj (2003) pensa o método clínico da Fonoaudiogia incorporando a transcrição como técnica de coleta que, ao registrar dados do funcionamento lingüístico-discursivo do paciente, possibilita a interpretação de nuances surgidas na cena clínica que não foram passiveis de serem capturadas apenas no apoio da memória enquanto registro e que acabam por subsidiar implicações teóricas e metodológicas internas ao campo fonoaudiológico. Para a autora a transcrição é uma forma legítima de registro interna à Fonoaudiologia somente se seu uso na clínica abre possibilidade de análise, ou seja, "*os dados só ganham valor (...) estatuto de dado, a partir de uma teoria de linguagem. E o método clínico é o instrumento, que permite dizer o que é o dado de linguagem para o fonoaudiólogo*" (p. 47). A autora chega à conclusão que: "... *há duas etapas nas quais o método se desdobra: (a) modos de arregimentação daquilo que do empírico vai se transformar em dado, e (b) modos de leituras do que foi arregimentado" (p. 47).*

E explica que a primeira etapa que o método fonoaudiológico deve desdobrar-se em operações conceituais que sustentam técnicas de coleta, registro e transcrição e que a segunda etapa diz da interpretação propriamente dita. Ambos desdobramentos que dão sustentação ao método fonoaudiológico devem ser

guiados por uma teoria assumida pelo fonoaudiólogo, pois os procedimentos metodológicos podem variar de acordo com a posição teórica escolhida.

Tomando a pesquisa de Freire (1990) como inaugural à tematização da transcrição na clínica fonoaudiológica, pode-se, atualizando seus dizeres, afirmar que o fonoaudiólogo, frente à transcrição, ocupa diferentes posições. A primeira posição é interna ao discurso e ocorre quando o fonoaudiólogo escuta e interpreta os sintomas que emergem na fala do sujeito e os rastreia no funcionamento da linguagem. A segunda posição é externa ao discurso e ocorre quando o fonoaudiólogo analisa dados discursivos transcritos e refaz o percurso dos significantes que transitam na fala de ambos os interlocutores, buscando uma forma de funcionamento singular do sujeito na língua. A terceira posição ocorre quando o fonoaudiólogo retorna à cena clínica instrumentado pelas duas posições anteriores para dar continuidade ao processo terapêutico.

Partindo dessas reflexões, vale posicionar o fonoaudiólogo enquanto clínico, a fim de atribuir suas especificidades frente a um leigo. Segundo Freire (2002), o fonoaudiólogo tem papel estruturante, pois além de interlocutor, ocupa a posição de investigador, cuja leitura dos dados tem como norte uma teoria de linguagem. Nesses termos, "*assumir a perspectiva do investigador implica ocupar o papel de terceira pessoa, ou seja, daquele que está fora da situação interacional, e que de seu lugar privilegiado adota simultaneamente os lugares das três pessoas discursivas"* (p.94).

Passaremos, nesse momento, ao trabalho a ser apresentado por Claudia Pollonio, cujo objetivo é dar continuidade à relfexões sobre as posições do investigador frente aos dados, salientando que os dados não falam por si, são apenas indicadores que promovem efeitos na leitura do investigador e o redirecionam em sua lida com a fala do paciente.

Referências bibliográficas

OCHS, E. (1979) Transcription as theory in Elinor Ochs & Bambi Schieffelin – **Developmental Pragmatics,** Academic Press Inc., New York.

OLIVEIRA, M. (2001) **Ecolalia quem fala nessa voz?**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 102f.

FREIRE, R. M. A.C (1990) **A abordagem dialógica: uma proposta social em Fonoaudiologia**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

KOKANJ, A. (2003) **Método clínico fonoaudiológico: quando o discurso toma a palavra**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.